

**ANTÓNIO DE OLIVEIRA SALAZAR**  
guião #3

	<b>VÍDEO</b>	<b>TEXTO</b>
1	<p>ABERTURA</p> <p>OFF</p> <p>VIVO <b>Local: Elvas (com Badajoz à vista)</b></p> <p>VIVO <b>Local: Elvas</b></p> <p>VIVO <b>Local: Elvas</b></p> <p>VIVO <b>Local: Elvas</b></p>	<p><b>DEFENSOR:</b></p> <p>18 de Julho de 1936.</p> <p>Com o levantamento das tropas de Marrocos, seguido pelas guarnições das principais cidades da Península, começa a Guerra Civil Espanhola.</p> <p>Aqui, em Elvas, olhando Badajoz, sobre esta raia invisível, sem grandes obstáculos naturais, percebe-se uma das determinantes essenciais do pensamento e da política de Salazar - <b>a defesa da independência de Portugal, do rectângulo nacional português, numa Península Ibérica dominada por Castela desde o fim do século XV.</b></p> <p>Salazar é, na altura, o homem forte do Regime criado há 10 anos pelo movimento militar do 28 de Maio de 1926. A tomada de posição na Guerra Civil Espanhola é o seu primeiro grande gesto de política externa. Uma tomada de posição em que se joga a independência de Portugal, uma independência antiga, mas constantemente em risco.</p> <p>Salazar foi, nesta altura da História da Europa e da Península Ibérica, o grande defensor de Portugal. O que faz desta figura polémica da nossa história recente, um GRANDE PORTUGUÊS.</p>
2	GENÉRICO	<b>GENÉRICO</b>

3	<p>VIVO (todo o § 3)</p> <p><b>Local : Elvas</b></p> <p><b>Imagens eventuais:</b>  <b>Guerra Civil Espanhola,</b>  <b>da 2.ª Guerra Mundial</b></p>	<p><b>DEFENSOR:</b></p> <p>Salazar esteve à frente dos destinos do país quase 40 anos, de 1932 a 1968. Durante este tempo governou com uma preocupação constante: <b>garantir a independência de Portugal</b>. Hoje, no século XXI, com a União Europeia e a NATO, num mundo com outras ameaças, tal risco parece longínquo; mas nos conturbados anos 30, Portugal estava vizinho da catástrofe.</p> <p>Na realidade, para um País pequeno com recursos limitados, saído de um período político de grande instabilidade e com as Forças Armadas em reorganização, um conflito militar em Espanha colocava graves problemas. E Salazar sabia-o, melhor do que ninguém.</p> <p>Nesse Verão quente e longo de 36, Espanha está dividida em duas: de um lado a Frente Popular, uma coligação de esquerda que vai dos republicanos radicais aos comunistas e anarquistas; e do outro os militares de Marrocos, liderados por Franco apoiado por uma coligação de "direitas políticas" - os nacionalistas.</p>
4	<p>VIVO (todo o § 4)</p> <p><b>Local : Elvas</b></p>	<p><b>DEFENSOR:</b></p> <p>Desde o dia 18 de Julho que estas "duas Espanhas" lutam sem quartel. A guerra civil é uma ameaça para Portugal. Que fazer? Esta é a pergunta para a qual Salazar tem de encontrar resposta. Rapidamente e de forma decisiva e hábil.</p> <p>Seria fácil deixar a situação da Espanha deteriorar-se. O</p>

		<p>cenário previsível nesse caso seria Espanha transformar-se numa imensa anarquia em que cada região e partido lutava pelos seus interesses, criando focos de permanente instabilidade política e social - balcanizando-se, como se costuma dizer.</p> <p>Mas Salazar, partidário da ordem e da estabilidade, decide apoiar os nacionalistas de Franco desde a primeira hora. Os franquistas passam a usar Portugal como base logística. Por Portugal vão passar armas e suprimentos. E Salazar contacta pessoalmente empresários portugueses, encorajando-os a dar apoio directo para os nacionalistas.</p> <p>Para Salazar, a razão de Estado da Nação Portuguesa, isto é, <b>o interesse nacional português é o grande fundamento da sua vida e da sua obra política</b>. A vitória de um regime de esquerdas em Espanha, dominado pelos comunistas, iria certamente retomar o sonho "iberista". O projecto de União Ibérica, vista como solução para os problemas da chamada decadência das Nações ibéricas. E, além do iberismo este regime, a existir, apresentava o problema acrescido de acolher os opositoristas portugueses.</p>
5	<p>OFF</p> <p><b>Imagens:</b>  <b>Guerra Civil de Espanha</b>  <b>Legião Portuguesa</b>  <b>Viriatos – voluntários para Espanha</b>  <b>Parada Militar</b></p>	<p><b>DEFENSOR:</b></p> <p>Mas quem é afinal este homem que defende tão energicamente a independência e a identidade portuguesas? É alguém que percebe que um político no poder não se pode dar ao luxo da retórica dos correctos pensamentos utópicos e humanitários. É um político de formação cristã que vê o lado da Política, como "reino do</p>

		<p>Mal", mas que é realista e sabe que na política é preciso unir e reunir os amigos, e dividir e neutralizar os inimigos.</p> <p>Salazar escolhe apoiar Franco com todos os meios à sua disposição: diplomaticamente, logisticamente, e com voluntários - os Viriatos. Franco ganha a guerra civil, a 1 de Abril de 1939, e ficará para sempre grato a Salazar.</p> <p>As decisões tomadas durante a Guerra de Espanha foram norteadas pela defesa da independência nacional – sendo evidente que havia também uma clara simpatia pelo lado franquista. Mas esta política de independência vai continuar a determinar a política internacional do País: Salazar decide proclamar a manutenção da Aliança Inglesa, a seguir ao fim da Guerra Civil de Espanha, negociando um acordo de apoio britânico ao rearmamento das forças armadas portuguesas, confirmado em 21 de Agosto de 1939. Seis meses depois do fim da Guerra em Espanha e dez dias antes do desencadear da 2.ª Guerra Mundial.</p>
6	<p>VIVO</p> <p><b>Local: Forte de Sto. António (Estoril)</b></p> <p>VIVO</p> <p><b>Local: Forte de Sto.</b></p>	<p><b>DEFENSOR:</b></p> <p>A Segunda Guerra Mundial é a circunstância de continuidade desta política de Salazar. A equação é, mais uma vez, complexa, mas para o político realista e pragmático que se guia sempre por critérios de bem público e que privilegia acima de tudo pelos interesses da Nação, torna-se simples: Portugal, para guardar o seu Império Ultramarino, não pode estar contra a Grã-Bretanha, que, senhora dos mares, o cortará do Além-mar, em caso de hostilidades.</p>

<p><b>António (Estoril)</b></p>	<p>A situação não era fácil. No Verão de 1940 a Alemanha nazi estava no auge do seu poder. Após a derrota da França em seis semanas, Hitler só precisava de vencer a Grã-Bretanha, para acabar a guerra vitorioso.</p> <p>Franco por seu lado tem a pressão dos países do Eixo – Alemanha e Itália - seus aliados militares e ideológicos na Guerra Civil. Salazar e Franco assumem, por via das suas alianças históricas, a estratégia comum de salvaguardar a neutralidade da Península.</p>
<p>VIVO</p> <p><b>Local: Forte de Sto. António (Estoril)</b></p>	<p>Franco vai empatando Hitler. Se por um lado não quer hostilizar a Alemanha e a Itália, por outro não quer entrar na Guerra. Encontra-se com Hitler em Hendaia, na fronteira franco-espanhola em Outubro de 1940. Num ambiente tenso, Franco desfia as dificuldades de entrada da Espanha na Guerra. O galego astuto enfrenta o "senhor da guerra" germânico. Hitler faz uma longa exposição geopolítica explicando como vai ganhar a guerra e os seus planos de futuro.</p>
<p>OFF</p> <p><b>Imagens: Segunda Guerra Mundial, Franco e Hitler, Churchill; preparações militares portuguesas; envio de tropas para Açores</b></p>	<p>Franco, depois de levantar objecções ao optimismo do <b>Führer</b>, diz que entrará na guerra, mas quando e como, é com os espanhóis. E que terão que ser estes a "libertar" Gibraltar. E apresenta uma lista de necessidades e reivindicações - como o Marrocos francês - que sabe que Hitler não pode conceder-lhe.</p> <p>Franco vai enviar a Divisão Azul para a Frente Leste, cumprindo a promessa de ajudar a combater o comunismo, ao mesmo tempo que, maquiavelicamente, se desembaraça de simpatizantes germanófilos. Torna-se claro que investe numa estratégia de adiamento sistemático relativamente ao envolvimento espanhol no conflito.</p>

	<p>OFF</p>	<p>E que faz Salazar? Salazar explica o jogo de Franco aos ingleses e garante-lhes o desejo de neutralidade de Madrid.</p> <p>Na realidade a Inglaterra, país beligerante, e os Estados Unidos da América, a potência que a ajuda a sobreviver, desconfiam de Madrid. A criação de um clima de confiança entre a Espanha e as democracias anglo-saxónicas é assegurada por Portugal. É Salazar quem desenha a ponte entre todos. E é Salazar quem vê assim a sua estratégia triunfar: a Península fica neutra e o Império português intacto. Tudo o que sempre quis.</p>
7	<p>VIVO</p> <p><b>Locais: Forte Sto. António (Estoril) ?</b></p> <p>VIVO</p> <p><b>Local: Vimieiro</b></p> <p>VIVO</p>	<p><b>DEFENSOR:</b></p> <p>Mas a história do homem que conduz Portugal neste "grande jogo" da política europeia e mundial começou muito antes.</p> <p>É nesta casa pobre que nasce António de Oliveira Salazar, de uma família modestíssima de agricultores. "Pobre filho de pobres", "Devo à providência o facto de ser pobre", são expressões em que se revê! A casa fica na aldeia do Vimieiro, Santa Comba Dão, situada no planalto beirão, entre as cordilheiras do Caramulo e da Estrela e o mar. É uma terra pedregosa, de agricultura difícil, de leiras de milho a trabalhar de sol a sol. A sociedade local, como em todo o Portugal rústico a norte do Tejo, é formada pelo padre, o médico, o farmacêutico, alguns comerciantes e proprietários... São os "notáveis" locais. António de Oliveira, o pai de Salazar, frequenta esta sociedade.</p> <p>É feitor dos Perestrelos, uma família local importante, de</p>

<p><b>Local: Vimieiro</b></p> <p>OFF</p> <p>Imagens de tropas para as colónias,</p> <p>o Império britânico, o Império português,</p> <p>D. Luís,</p> <p>Fontes Pereira de Melo,</p> <p>Lisboa tradicional</p> <p>Paixeiros, lavadeiras,</p>	<p>grandes proprietários. António de Oliveira e a mulher - Maria do Resgate - têm já quatro meninas, quando tardiamente - António de Oliveira passara os 50 e Maria do Resgate tinha 44 anos - nasceu o primeiro e único filho - António de Oliveira Salazar!</p> <p>Nesse ano de 1889, o mundo e Portugal eram bem diferentes de hoje: a Europa era ainda a Europa Imperial, dominadora dos outros continentes, com grande possessões na Ásia, África, Oceânia. Na Inglaterra, a Rainha Vitória, simbolizava esse tempo imperial.</p> <p>A Inglaterra dominava os mares com os seus couraçados, cruzadores e canhoneiras e com as suas "companhias magestáticas"; dominava o mundo para além da Europa, geria conflitos com a Rússia e a Turquia a Oriente, cuidava de manter o equilíbrio continental na Europa.</p> <p>E o resto da Europa era assim, da Alemanha de Bismarck à Bélgica do Rei Leopoldo e à República Francesa: constitucional, burguês, rico, industrializado...</p> <p>Em Portugal, nesse ano de 1889, morria D. Luís I. O país vivia os últimos tempos da Regeneração, o período marcado pela política de Fontes Pereira de Melo que, estabilizado o país, a partir dos anos 50, conseguira criar um modelo de Constitucionalismo liberal consolidado, o rotativismo - à volta de dois partidos que se sucediam eleitoralmente no poder, sem golpes de Estado nem revoluções. O único tempo em que, na História de Portugal, liberdade política e desenvolvimento da economia coincidiram.</p> <p>O país, de resto, era aquela sociedade tradicional</p>
---	--

<p>merca-tudo ...</p> <p>Eça de Queirós</p> <p>Ramalho Ortigão</p> <p>Oliveira Martins</p> <p>“Vencidos da Vida”</p> <p>Jerónimos, Torre de Belém</p> <p>VIVO</p> <p><b>Local: Vimieiro</b></p> <p>VIVO</p> <p><b>Local: Vimieiro</b></p>	<p>provinciana, descrita e estigmatizada nas novelas de Eça, nos escritos históricos e polémicos de Oliveira Martins, de Ramalho Ortigão, Antero de Quental e Fialho de Almeida. Fora, em Angola e Moçambique o país reembarcava na aventura africana para responder às exigências de ocupação efectiva da Conferência de Berlim - e dissuadir as cobiças de outros poderes europeus. Nascia uma nova geração de heróis do Império - os Africanos - Mouzinho de Albuquerque, António Enes, Paiva Couceiro, Azevedo Coutinho, João d'Almeida - e da expansão de que fôramos os pioneiros.</p> <p>E Portugal vivia habitualmente de memória sobre o grande poder que fora no século XVI, no contraste com o pequeno país, na ponta Ocidental da Europa.</p> <p>Todos estes factores marcarão, para sempre Salazar: a paisagem e a dureza das Beiras de Coimbra a Viseu; a religiosidade, a modéstia, as raízes na gente do campo; a percepção desconfiada das hierarquias do nascimento e do dinheiro - e da humilhação que podem gerar nos pobres. A Grandeza histórica do Portugal de 500 e a sua pequena dimensão nos princípios do século XX.</p> <p>Porque, como vimos, confrontado com a História com H grande, o "pobre filho de pobres", criado no senso comum da sabedoria rural, sem especial condição ou vocação para a "vida heróica", sabe decidir e correr riscos. Ele que opôs ao "viver perigosamente" de Mussolini o "viver habitualmente" tem o dom, quando estão em jogo os interesses de Portugal e os valores em que acredita, de ser grande como os grandes.</p>
---	--

<p>VIVO</p> <p><b>Local: Vimieiro</b></p>	<p>OFF</p> <p>D. Afonso Henriques (Guimarães)</p> <p>Nuno Álvares Pereira (Museu Militar)</p> <p>Infante D. Henrique (Museu Militar)</p> <p>D. João II</p>	<p>Ele, o filho de camponeses, o académico de Coimbra, o político, reservado, de fato escuro e de formas protocolares, na sua modéstia tímida, sente-se o guardião temporário desse legado de Grandeza histórica, que lhe vem daqueles que, nos momentos críticos do passado, encarnaram essa mesma vontade de independência que o anima. De todos eles, Salazar se sente o sucessor por direito e missão.</p> <p>Do Rei-Fundador, D. Afonso Henriques, guerreiro incansável, político voluntarioso e lúcido.</p> <p>De Nun'Álvares Pereira, o cavaleiro místico e idealista, que pela espada, nos Atoleiros e em Aljubarrota, salvou a independência de Portugal.</p> <p>Do Infante D. Henrique, solitário criador e comendador das naus do novo Império, iniciador e principal responsável da Expansão.</p> <p>De D. João II, o Príncipe Perfeito, o unificador do poder do Estado, o disciplinador dos grandes, o estratega nacional que não hesitou na repressão e na morte dos próprios familiares por razão de Estado.</p>
<p>OFF</p>	<p>OFF</p>	<p>É em 1899 que Salazar vai a Viseu, para fazer o exame da instrução primária, ingressando no ano seguinte no Seminário, para os estudos secundários. Este novo seminarista, igual a tantos portugueses do começo do século XX que, além da vocação, sentiam ser o serviço na Igreja uma porta para os pobres ascenderem neste mundo à dignidade, numa sociedade fechada e socialmente estratificada.</p>
<p>OFF</p>	<p>OFF</p>	<p>Mas, acabado o Liceu conclui que não tem vocação para o sacerdócio. E fica professor no Colégio da Via Sacra em Vimieiro.</p>

	<p>VIVO</p> <p><b>Local: Coimbra</b> (Universidade)</p> <p>VIVO</p>	<p>Em 1910, ingressa na Universidade de Coimbra, com apoio financeiro da família da madrinha.</p> <p>Salazar frequenta o curso de Direito da Universidade de Coimbra, no início da República. Não tem ainda ideias políticas bem definidas, embora nos seus primeiros escritos haja as marcas do catolicismo social, do patriotismo e dos valores conservadores, bem sintetizados na "divisa" - <b>Deus, Pátria, Família</b> - uma fórmula do brasileiro Afonso Pena consagrada no Colégio da Via Sacra.</p>
8	<p><b>Local: Coimbra</b></p> <p>VIVO</p> <p><b>Centro Académico da Democracia Cristã</b></p> <p>VIVO</p>	<p><b>DEFENSOR:</b></p> <p>Foi este destino singular, que o trouxe do Vimieiro e de Viseu, até aqui, à Universidade de Coimbra, onde conclui o Curso de Direito. É também aqui, no CADC – no conhecido Centro Académico da Democracia-Cristã - que se vai encontrar e familiarizar as suas raízes doutrinárias - a Democracia-Cristã dos papas sociais e a tradição anti-liberal consolidada pelo pensamento nacional-monárquico do doutrinador francês Charles Maurras e da <b>Action Française</b>, um movimento político-cultural, nacionalista e conservador.. A Democracia-Cristã dos Papas sociais é uma democracia orgânica, personalista, não individualista, nem liberal, que defende um Estado forte, que opere como árbitro entre as classes sociais, entre patrões e trabalhadores – e em nome do bem comum aplica a justiça social.</p>

<p><b>Local: Coimbra</b></p> <p>OFF</p>	<p>Os católicos em Portugal, desde a instauração do liberalismo em Agosto de 1820, tinham sido o bombo da festa das esquerdas, e com a República passaram quase a cidadãos de 2ª classe, marcados pela perseguição e expulsão das Ordens Religiosas, pelo assassinato de padres logo no 5 de Outubro, pelos vexames e humilhações permanentes.</p>
<p>1820, Republicanos armados, GNR</p>	<p>Salazar vai reflectindo sobre tudo isto; mas para ele o grande choque do quotidiano da Primeira República, é a chamada "ditadura da rua". É para ele inaceitável a violência e desordem dos partidos e dos seus bandos e milícias como a <i>Formiga Branca</i>, nome genérico dos grupos activistas armados do Partido Democrático – o principal partido da República - que aterrorizava os seus inimigos. Ou a muito vangloriada sociedade secreta, bombista e terrorista, os <i>Carbonários</i>. A nível político, fora das ruas, os governos duravam pouco tempo, reinavam as quarteladas sucessivas e a fraude eleitoral.</p>
<p>VIVO</p> <p><b>Local: Coimbra</b></p>	<p>A desconfiança de Salazar em relação à democracia parlamentar e partidária vem daqui: do conhecimento histórico e da experiência directa da repressão das liberdades em nome da "Liberdade", de uma democracia que é só para os "democratas" e que exclui à direita os católicos, os monárquicos, os republicanos conservadores e à esquerda os socialistas e sindicalistas. Salazar não está só na sua desconfiança: ela fora partilhada por uma parte da elite política e cultural. Oliveira Martins e algumas personalidades políticas do fim do Liberalismo tinham criado a <i>Vida Nova</i>, uma proposta de reforma do regime monárquico com o intuito de reforçar o poder do executivo e diminuir o do parlamento. Na literatura os exemplos de</p>

	<p>VIVO <b>Local: Coimbra</b></p>	<p>Camilo Castelo Branco e Eça Queirós, criadores das duas mais incisivas crítica ao Parlamento liberal - <i>A Queda de um Anjo e o Conde de Abranhos</i> – obras ainda hoje populares, são exemplos paradigmáticos. Para estes reformadores descrentes do parlamentarismo, só o "pensamento servido por uma espada" na "fórmula" de Martins, podia salvar Portugal.</p> <p>Para Salazar, como para eles havia a necessidade de criar ou restaurar um Estado ordeiro, que ultrapassasse as divisões do parlamentarismo que defendesse as colónias, que pagasse as dívidas do Estado, que prestigiasse o país.</p>
	<p>OFF Sidónio (Golpe, Parada, Porto, Rossio)</p>	<p>Esta corrente afirmou-se com esperança com Sidónio Pais, em 1917. Mas o regime presidencialista de Sidónio Pais também durou pouco, acabando com o seu assassinato em Dezembro de 1918.</p>
	<p>OFF</p>	<p>Só anos mais tarde, após o golpe militar de 28 de Maio de 1926, se começou a poder pôr em prática o projecto de uma democracia orgânica, forte, ordeira, nacional – que tivesse em conta, além das correntes políticas e ideológicas - a posição das "forças vivas" da Nação.</p>
	<p>VIVO? VIVO <b>Local: Coimbra</b></p>	<p>A ideia da "lei e da ordem" como fins importantes do Estado é um dos legados mais importantes de Salazar para a cultura política portuguesa. A desconfiança crítica de uma parte da população face à "classe política", acusação e insinuação de corrupção dos políticos é um contraponto à situação, por vezes também romantizada que imagina no tempo de Salazar.</p> <p>Mas esta reacção não é compreensível sem se perceber a</p>

	OFF (?)	desilusão e o descontentamento - após um período de expectativa optimista - provocado na maioria dos Portugueses pelo regime republicano e pelo Partido Democrático de Afonso Costa.
9	<p>OFF</p> <p>VIVO</p> <p><b>Local: Coimbra</b></p> <p>OFF</p> <p>OFF</p>	<p><b>DEFENSOR:</b></p> <p>As sucessivas crises governamentais criaram um clima de crise permanente, gerador de enorme instabilidade social.</p> <p>Salazar tudo via de Coimbra. A crise do regime, clara desde o seu início, estalou a partir de 1914, com a Grande Guerra. Que foi para Salazar um primeiro exemplo da complexidade de que se podiam revestir os conflitos mundiais. E dos problemas que a entrada num conflito global podia trazer a um país pequeno como Portugal.</p> <p>Na realidade, a entrada na Guerra em 1916, trouxe ao país um novo rol de problemas. O recrutamento de dezenas de milhar de jovens para o Exército, para os campos da Flandres, provocou um imenso mal estar na população portuguesa. Embora houvesse um sentido de responsabilidade patriótica em alguns dirigentes republicanos, que viam na entrada na Guerra ao lado da Inglaterra, a forma de manter as colónias, outros pareciam fazê-lo por mero oportunismo político. Acendeu-se uma luta política violenta e uma crise social aguda. Mais tarde, o aparecimento da «pneumónica», uma epidemia que matou milhares de portugueses, agravou substancialmente a situação.</p> <p>Os governos sucediam-se; a inflação disparava, com o</p>

	<p>OFF</p> <p>OFF</p> <p>OFF</p>	<p>consequente aumento do preço do pão – a base da alimentação da população urbana portuguesa – o que provocava revoltas populares difíceis de controlar. E a depreciação constante do Escudo e a fuga dos capitais alimentavam-se em espiral.</p> <p>A República no seu anti-catolicismo activo cortara, desde cedo, com uma parte muito substancial da população - católica e tradicionalista. As primeiras medidas contra a Igreja, logo em 1910, tinham alienado muita gente que, para além da Separação da Igreja e do Estado, não compreendia o seu encarniçamento, a liberdade religiosa dos católicos.</p> <p>Momento alto desta desordem e medo foi a tentativa revolucionária de 19 de Outubro de 1921. De facto, a noite dessa data fatídica, ficou conhecida por «Noite Sangrenta», porque uma «camioneta fantasma» percorreu Lisboa arrastando de suas casas figuras políticas conservadoras e republicanas e levando-as para o Arsenal da Marinha, onde foram assassinadas; como António Granjo, antigo Chefe do Governo; Machado Santos, considerado como "herói da Rotunda" e «fundador da República», José Carlos da Maia e outros políticos. Este acontecimento teve uma repercussão nacional e internacional que manchou definitivamente a reputação do regime.</p> <p>No fim de Outubro de 1921, a queda do parlamentarismo era uma certeza e, para a maior parte da população e da elite nacional, uma necessidade absoluta. Da morte de Sidónio, em Dezembro de 1918, à morte de António Granjo em Outubro de 1921, época a que se deu o nome de <i>Nova República Velha</i>, multiplicaram-se os governos: oito governos por ano. O que contrastava claramente com a</p>
--	----------------------------------	---

	<p>VIVO <b>Local: Coimbra</b></p> <p>VIVO <b>Local: Coimbra</b></p>	<p>média da chamada República Velha, que tinha conhecido doze governos de Outubro de 1910 a Dezembro de 1917: uma média de menos de dois governos por ano.</p> <p>A centenária tradição parlamentar portuguesa, nascida com a inauguração das Cortes em Janeiro de 1821, tinha perdido toda e qualquer credibilidade. A questão era saber o que se lhe seguiria.</p> <p>O que se segue é uma Ditadura Militar resultante de um movimento nacional das Forças Armadas, que tomou o poder em 28 de Maio de 1926 sem resistências políticas ou populares. O regime por ela inaugurado só acaba a 25 de Abril de 1974.</p>
10	<p>VIVO (todo o § 10) <b>Local: Coimbra</b></p>	<p><b>DEFENSOR:</b></p> <p>António Oliveira Salazar tornou-se professor de Direito em 1916, na área das Finanças e Economia. Publicou a «Questão Cerealífera. O Trigo», sobre um dos problemas fundamentais da economia e da sociedade portuguesa. Em 1917 apresenta «O Ágio do Ouro. Sua natureza e suas causas». No ano seguinte torna-se Doutor em Direito.</p> <p>A sua primeira experiência política concreta aconteceu em 1921, quando foi eleito deputado pelo Centro Católico. Vai a Lisboa, entra no Parlamento, mas fica só um dia, segundo reza a lenda. A vida parlamentar não o seduz.</p> <p>A influência da tradição antiparlamentarista é óbvia em Salazar..</p> <p>Diz-se que confidenciara ao Cardeal Cerejeira ver a</p>

		<p>situação ideal do exercício do poder ser primeiro-ministro de um rei "absoluto". Não se vê a si mesmo ou origem do poder, mas como um executor de um desígnio superior. O modelo português é o marquês de Pombal, mas o inspirador original é o cardeal Richelieu, o extraordinário primeiro-ministro do rei francês Luís XIII.</p> <p>Qualquer dos dois se confrontou com grupos de influência e poder – na época a Aristocracia – e com grupos e populações que não aceitavam perder direitos e privilégios. E para saírem vitoriosos destes conflitos reforçaram ambos o poder central. Um e outro com grande brutalidade de métodos a que o Marquês acrescentou um deliberado terrorismo de Estado, duma crueldade nunca vista, como na execução dos Távoras.</p>
11	<p>VIVO (todo o § 11)</p> <p><b>Local: Coimbra</b></p>	<p><b>DEFENSOR:</b></p> <p>Em Maio de 1926, os militares põem as espingardas na balança e a República cai, sem nenhum republicano para a defender. A Ditadura Nacional procura uma personalidade de grande competência para a pasta das Finanças, e a escolha recai, naturalmente, em Salazar. É o professor de economia política de Coimbra, um especialista com provas dadas das questões orçamentais. Não estando em nenhum partido é, para os militares com vontade de varrer os «políticos» do poder, uma escolha óbvia.</p> <p>É com o regime militar de 28 de Maio que Salazar entra na área do poder. O Exército, os militares, são a fonte desse poder, o tal Rei absoluto. Vai ser assim. Quando virarem, o regime cairá. Como dirá mais tarde, "eu não vim para a</p>

		política, vim para o Governo".
12	<p>VIVO <b>Local: Coimbra</b></p> <p>OFF</p> <p>VIVO <b>Local: Coimbra</b></p> <p>OFF</p>	<p><b>DEFENSOR:</b></p> <p>Vem para Lisboa como Ministro das Finanças, com dois outros Professores de Coimbra - Mendes dos Remédios e Manuel Rodrigues - também convidados para integrar o Governo; o poder entre os militares está longe de estar definido, e Gomes da Costa está em conflito com Mendes Cabeçadas. Perante a confusão e indecisão os catedráticos conimbriseses retiram-se, com uma nota breve e seca dirigida a Gomes da Costa:</p> <p>"Os ministros civis foram chamados a exercer uma determinada acção administrativa e essa acção só se lhes afigura possível depois de resolvido o problema político. Ora este problema, nos termos que foi posto, não é a eles que compete resolvê-lo. Nestes termos, os destinatários depõem nas mãos de V. Exa. os lugares que lhes confiaram, aguardando a solução definitiva do problema político".</p> <p>Salazar estivera 5 dias no governo. Volta a Coimbra e às suas rotinas. Mas tudo mudara. Vai seguir de perto o problema das Finanças, tornando conhecido o seu pensamento em termos de opinião pública, através de artigos oportunamente colocados nos jornais como <b>Novidades</b> e <b>O Século</b>. É, ao mesmo tempo, o Presidente da Comissão que procede à revisão das Contribuições e Impostos; isto torna frequentes as suas vindas a Lisboa.</p> <p>Entretanto, sucedem-se acontecimentos decisivos para a nova situação. Os políticos e os militares democráticos tinham sido surpreendidos pelo 28 de Maio. Nos meses</p>

	<p>OFF</p> <p>VIVO Local: Coimbra</p> <p>VIVO Local: Coimbra</p> <p>VIVO Local: Coimbra</p>	<p>seguintes conspiram e preparam a resposta armada. Esta veio em Fevereiro de 1927 - o famoso 7 de Fevereiro que começou no Porto a 3, e rebentou em Lisboa a 7. Foi um levantamento organizado em força, que só na capital causou mais de 200 mortos e 1200 feridos em vários dias de combates de rua. A presença de civis armados explica o alto número de baixas, uma constante em todas as revoltas e golpes militares em Portugal: onde eles - os civis, militantes políticos - intervêm, à luta renhida.</p> <p>A partir da vitória sobre os revoltosos, o regime endureceu e o poder definiu-se à volta de Carmona, indigitado Chefe de Estado. Fixa-se agora no problema financeiro, o centro das preocupações. E aí Salazar vai entrar no debate com conferências e artigos, em que faz o historial crítico da dívida pública e do <i>déficite</i>, critica o recurso ao empréstimo externo e aponta soluções de fundo.</p> <p>Já aqui se vê um estilo - ao criticar o recurso ao empréstimo externo - sem ter encontrado uma estratégia global do problema. Escreve:</p> <p><i>"se paralelamente à operação do empréstimo (...) se não tenta conquistar, à custa dos maiores sacrifícios, o equilíbrio orçamental, os milhões que venham a ceder-nos não serão mais que um alívio momentâneo, a ocasião de alguns negociozinhos privados e uma causa de maiores ruínas para todos nós" (...)</i></p> <p>Empenha-se agora, com afinco, com paixão, na discussão das vantagens e desvantagens do empréstimo externo; escreve artigos, dá entrevistas sobre o tema.</p>
--	---	---

	<p>OFF</p> <p>VIVO <b>Local: Finanças</b></p> <p>VIVO <b>Local: Finanças</b></p> <p>VIVO <b>Local: Finanças</b></p> <p>VIVO <b>Local: Finanças</b></p>	<p>Nos finais do mês de Abril de 1928, o Chefe do Governo, Coronel Vicente de Freitas, convida Salazar para Ministro das Finanças. O encarregado de o convencer é o Eng. Duarte Pacheco; Salazar recusa; Pacheco insiste; Salazar pede tempo de reflexão e aconselha-se com os amigos próximos - Cerejeira, Mário Figueiredo, Bissaia Barreto. Todos o empurram para o lugar. A um outro Professor e amigo próximo, Cabral de Moncada, argumenta que não sabe se poderá ser um bom político, pois – confessa - tem falta de imaginação!</p> <p>Finalmente decide-se. Vai para Lisboa, conversa com o Chefe do Governo, e toma posse a 27 de Abril.</p> <p>Algumas passagens do seu discurso, de ironia subtil, camuflada na cortesia, são exemplos de um estilo que impressionará admiradores e adversários.</p> <p>Dirigindo-se ao Presidente do Conselho diz: "Não tem que agradecer-me ter aceite o encargo, porque representa para mim tão grande sacrifício que por favor ou amabilidade o não faria a ninguém. Faço-o ao meu País como dever de consciência, friamente, serenamente cumprido".</p> <p>E depois profere a sua famosa sentença: "<b>Sei muito bem o que quero e para onde vou</b>, mas não se me exija que chegue ao fim em poucos meses. No mais, que o País estude, represente, reclame, discuta, mas que obedeça quando chegar a altura de mandar".</p>
--	--	--

13	<p>VIVO (TODO O § 13)</p> <p><b>Local: Finanças</b></p>	<p><b>DEFENSOR:</b></p> <p>Salazar, desta vez, tem o apoio dos militares; tem o apoio dos católicos e da Igreja; dos monárquicos, dos sidonistas, dos republicanos conservadores. Das classes altas e médias das cidades; e sobretudo do campo, católico, conservador, patriota.</p> <p>Torna-se o homem providencial, aquele que pode estabilizar o país, e criar um regime que seja republicano, conservador e sobretudo estável, que congregue a maior parte da população portuguesa e os seus dirigentes, como é claramente desejado pelas Forças Armadas e pelas elites. Junto da população granjeia crescente simpatia, uma vez que o pão se mantém com um preço baixo e estável...</p>
14	<p>VIVO</p> <p><b>Local: Finanças</b></p> <p>OFF</p>	<p><b>DEFENSOR:</b></p> <p>Para entendermos o apoio que Salazar e o Estado Novo vão ter entre os portugueses, para além da reacção à instabilidade, desordem, violência e "ditadura democrática" da I República", é preciso conhecer também o clima político europeu e internacional:</p> <p>A Revolução comunista de 1917, que depois de uma guerra civil e repressão sanguinária tomara o poder na Rússia, foi vista, <b>pelas classes altas e médias da Europa, como uma grande e próxima ameaça</b>; os nascentes partidos comunistas propunham-se repetir, por toda a Europa, o modelo soviético. O "terror dos bolcheviques" pairava sobre o Continente e é esse medo, sobretudo depois das tentativas revolucionárias da Polónia, da Alemanha, da Hungria, que levam, por reacção, ao aparecimento de</p>

		<p>ditaduras conservadoras e ajudam os nascentes movimentos fascistas. A esquerda revolucionária, a partir de Lenine e da Internacional Comunista, escolheu a violência como forma de luta política. Só pela violência podia ser parada, concluem muitos.</p> <p>O fracasso do Estado liberal perante a ofensiva radical, leva à conclusão que a democracia parlamentar é um regime "ultrapassado". Isto é, à esquerda e à direita, um facto reconhecido na década de 20. Pode-se dizer que, nesse momento histórico, o autoritarismo está na moda e o Estado Novo na crista da voga.</p>
15	OFF	<p><b>DEFENSOR:</b></p> <p>Chegado ao Governo, Salazar ataca o problema financeiro com um controle rigoroso da despesa e conta com a confiança política que inspira para fazer voltar os capitais fugidos.</p>
16	VIVO  <b>Local: Finanças</b>	<p><b>DEFENSOR:</b></p> <p>As Finanças em primeiro lugar: a ideia de Salazar era que com um Estado gastador e captador dos recursos do país, para pagar e amortizar uma dívida pública enorme e os <i>déficits</i> permanentes, não podia haver boa economia e boa política. A partir do momento que a autoridade do Estado sobre o país, e a sua autoridade no Estado se consolidaram, ele vai resolver o problema financeiro, diminuindo a despesa e aumentando as receitas. O ritmo de amortização quanto à Dívida Pública Externa avaliada em percentagem do PIB, a que mais o preocupava pela "redução" de soberania que significava para um pequeno</p>

	<p>OFF</p> <p><b>Números da Economia</b></p> <p>OFF</p> <p>OFF</p> <p><b>Obras Públicas</b></p> <p>VIVO</p> <p><b>Local: Finanças</b></p>	<p>país, é rápido.</p> <p>Ela vai passar de 44% do PIB em 1926, para 32% em 1930; em 1935 é 19%; em 1940 estabiliza em 5%.</p> <p>A partir do momento em que há recursos financeiros, vão começar as políticas de fomento e de obras públicas; mas antes, na década de trinta, Salazar dedica-se a desenvolver a produção agrícola, especialmente alimentar, também para baixar as importações, mantendo os preços dos produtos base. Seguir-se-ão os grandes planos da electrificação e do fomento hidroeléctrico, da construção e reconstrução da infraestruturas rodoviárias, portuárias e aeroportuárias - algumas vinham da 1ª Regeneração - da renovação da rede ferroviária.</p> <p>E há um grande investimento em obras públicas e construções sociais em Lisboa e no resto do país dirigidas pelo que foi presidente do município da Capital e Ministro das Obras Públicas - Eng. Duarte Pacheco. Assim ficam lançadas as bases materiais para as políticas a jusante - ligadas à industrialização - que entretanto competirá a grupos privados - liderados por figuras de industriais e banqueiros, como Alfredo da Silva e os seus netos Jorge e José Manuel de Mello, os Espírito Santos - Ricardo, José Maria e Manuel - António Champalimaud, Cupertino de Miranda, Manuel Baulosa, empresários ligados aos sectores chave da petroquímica, da siderurgia, dos cimentos, da refinação de petróleo e da Banca.</p> <p>Muitas vezes os críticos de Salazar acusam-no de ter "atrasado" o desenvolvimento do país comparando a vida das pessoas hoje - com a vida das pessoas há 50 anos. Ora</p>
--	---	--

	OFF	<p>tal comparação é falaciosa na medida em que há um progresso económico geral, e também há 50 anos, em França ou na Alemanha as pessoas viviam muito pior - no sentido de consumos materiais - que hoje. Toda a dimensão sobre o atraso ou avanço económicos.</p> <p>O que é também importante, é que nos 40 anos de governo de Salazar, o Rendimento Nacional, cresceu em termos reais cerca de 800%; quase duplicou entre 1926 e 1939 de 14 para 25 milhões de contos; estagnou e retraiu-se durante os anos de guerra (1939-45), mas veio, a partir dos anos 50, beneficiando sem dúvida da conjuntura internacional, mas também das políticas internas de fomento e obras públicas e comunicações e da industrialização, a crescer aceleradamente, para, nos últimos anos do anterior regime, alcançar as taxas de crescimento "asiáticas" de 7 a 8% reais ao ano.</p>
	OFF	<p>Atacando o problema financeiro, o velho problema de Portugal contemporâneo, por um sistema de controle rigoroso da despesa e aumento da receita, e fazendo com que a confiança política faça voltar os capitais fugidos, restabeleceu o equilíbrio orçamental. Salazar ganhava o prestígio de "mago das contas", de sábio que tratara e curara o país doente de um enfermidade crónica e mortal.</p>
	OFF	<p>O seu perfil, seco, ascético, de académico, de homem de poucos e selectivos sorrisos, levavam as elites e o povo, a rever-se em alguém que era o contrário da imagem do político parlamentar: porque era honesto, inteligente, competente, rigoroso, cumpridor, exigente com todos a começar por si próprio; que funcionava por uma divisa "trabalhar muito, falar pouco, ser mais que parecer".</p>



	<p>de «a que se seguia»)</p>	<p>fórmulas racistas ou etnocêntricas.</p> <p>Deus, Pátria e Família, a tal fórmula do Colégio da Via Sacra, reflectia esse ideário que aliás tem sido, para bem ou mal, o da direita portuguesa, justicialista, solidarista e desconfiada do capitalismo liberal.</p> <p>Foi daqui, deste gabinete de trabalho do Palácio de S. Bento, que Salazar governou Portugal durante quase 40 anos. Foi aqui que viveu os grandes conflitos europeus – a Guerra de Espanha, a Guerra Mundial nos anos 30 e 40, e nos anos 60 e a nossa Guerra d'África. Aqui que recebeu e despachou com os seus ministros e principais colaboradores, que preparou e escreveu os seus discursos, as notas políticas, as comunicações ao país.</p>
<p>VIVO <b>São Bento</b></p>		<p>Seguiu um estilo de governo à distância, informado por olhos e ouvidos de confiança; nesse modo lembrava Filipe II, Rei de Espanha, que também o foi, por conquista, de Portugal. O despacho minucioso, a decisão ponderada, o comando do Império sem emoções, pelo menos perceptíveis aos seus próximos.</p>
<p>VIVO <b>São Bento</b></p>		<p>Segundo o depoimento de um dos seus Secretários particulares, Almeida Langhans, Salazar gostava de trabalhar sentado num sofá, escrevendo sobre uma pasta que punha nos joelhos. Iniciava o despacho com os secretários com a pergunta “Que novidades há?” a que se seguia uma espécie de comentários e <b>tour d’horizon</b> dos casos (políticos) da véspera; o despacho propriamente dito iniciava-se com a leitura dos telegramas do Ministério dos Estrangeiros, seguindo-se a leitura, análise e assinatura dos diplomas dos vários Ministérios. Aqueles onde tinha dúvidas, sugestões ou correcções, mandava-os de volta</p>

		<p>com perguntas e propostas. Os outros, assinava-os e mandava-os para a Presidência da República.</p> <p>No seu gabinete, nos anos 50, havia retratos vários de Chefes de Estado: sobressaindo o do Papa Pio XII, com dedicatória do Rei Jorge VI, de Isabel II, de Franco e de Carmona.</p> <p>Dos livros constavam – sempre segundo Langhans – os clássicos portugueses da Edição Sá da Costa, com destaque para os <b>Sermões</b> do Padre António Vieira e a <b>Nova Floresta</b> do Padre Manuel Bernardes.</p> <p>Recebia os visitantes mais especiais na “Sala das Pretas”. Foi aí o encontro com o embaixador norte-americano, o Almirante George Anderson, quando este lhe veio comunicar a proposta de Kennedy para Portugal dar independência imediata ao Ultramar a troco da amizade e do auxílio norte-americanos. Proposta recusada, acto contínuo.</p>
18	<p>VIVO (todo o § 18)</p> <p><b>Local:</b></p> <p><b>Padrão das Descobertas</b></p>	<p><b>DEFENSOR:</b></p> <p>O Padrão da Descobertas é, com os outros monumentos da Foz do Tejo, como a Torre de Belém e os Jerónimos, o lugar simbólico e sagrado da Expansão portuguesa. Salazar considerava o Infante D. Henrique - com Nun'Álvares Pereira, Vasco da Gama e Afonso de Albuquerque - os quatro grandes Heróis Portugueses. Não fora a visão estratégica premonitória da expansão atlântica e do Infante e a Espanha unificada pelos Reis Católicos em 1492, teria</p>

		absorvido Portugal.
19	VIVO (todo o § 19) <b>Local: Padrão das Descobertas</b>	<p><b>DEFENSOR:</b></p> <p>Salazar entendia o valor estratégico deste Império, que não conheceu, nem visitou fisicamente. Pessoalmente, penso que isso foi uma das suas falhas pois nada substitui, num caso destes, o viver a realidade. Mas o facto de nunca ter visitado os territórios ultramarinos impediu-o de avaliar correctamente a sua importância geopolítica para a independência nacional e o seu potencial de desenvolvimento económico para o conjunto. A Exposição do Mundo Português – que se realizou ali naquela Praça e onde ainda há vestígios, a Fonte, o Museu de Arte Popular, o Padrão - marcou o simbolismo cultural do Império; a defesa do Império a temática do cinema "heróico" - <b>Chaimite</b>, de Jorge Brum do Canto, exaltando Caldas Xavier e Mouzinho de Albuquerque, os heróis "Africanos". Como <b>A Revolução de Maio</b>, de António Lopes Ribeiro - "o Eisenstein" do Estado Novo - exaltou a Revolução Nacional.</p> <p>Mas ter um Império ultramarino, até aos anos 50, era normal na Europa. Bem maiores eram os impérios francês e inglês. E tinham colónias belgas, holandeses e espanhóis. Só a partir dos anos 60 e das políticas de descolonização de Macmillan e De Gaulle, é que Portugal ficou isolado, como poder imperial europeu.</p>
20	VIVO <b>São Bento</b>	<p><b>DEFENSOR:</b></p> <p>Em 1954, nas vésperas de Bandung, dão-se os primeiros sinais de mudança. A União Indiana de Nehru, ocupa os "enclaves" de Dadrá e Nagar Aveli.</p>

<p>VIVO</p> <p><b>São Bento</b></p> <p>Santa Maria – há imagens do regresso</p> <p>Luanda, Norte de Angola</p>	<p>Em 1958 com a campanha eleitoral para as presidenciais, em que sobressai a figura do general Humberto Delgado, Salazar percebe que perdeu uma parte do apoio da população – a memória da restauração financeira, da pacificação política e do reconhecimento sincero pelo desenvolvimento económico e pela paz durante a 2.<sup>a</sup> Guerra Mundial, desvanece-se.</p> <p>É neste momento que, pela primeira vez, a oposição aparece em força.</p> <p>Nas eleições legislativas de 1946, a seguir à II Guerra e nas eleições presidenciais de 1949, os trunfos da popularidade interna ainda se inclinavam claramente para a Situação já que Salazar e o Estado Novo ainda contavam com um grande capital de apoio em todas as classes sociais. E com os Aliados o que se reflectiu nas visitas do general Eisenhower, chefe militar da NATO em Janeiro de 1951 e enquanto presidente em Maio de 1960 e a da rainha de Inglaterra em Fevereiro de 1957.</p> <p>É bem diferente a situação em 1958, nas eleições presidenciais: Salazar decidira não reconduzir o General Craveiro Lopes como candidato da União Nacional ao próximo mandato, optando pelo Almirante Américo Thomaz, ministro da Marinha.</p> <p>Da oposição apareceram dois candidatos: um, Arlindo Vicente, pertencendo à Oposição tradicional, um advogado intelectual tranquilo, também sem grande popularidade como o candidato da União Nacional.</p> <p>Mas o outro candidato da oposição, aparecendo como</p>
---	--

	<p>"independente" o General Humberto Delgado - vinha das fileiras do Estado Novo, tinha qualidades de coragem física e de oratória, era capaz de demagogia e de empolgar as massas. Após algumas tensões, Arlindo Vicente negociou à distância com Delgado, e este fica só pelo lado opositorista.</p> <p>Salazar queixa-se pública e privadamente de que fracassou em dois pontos da agenda: não conseguiu institucionalizar o regime corporativo; não conseguiu formar politicamente a juventude. O que é verdade.</p> <p>A campanha presidencial de 1958 traduz, a nível nacional, essa perda de folêgo e de apoio, nos anos 50. Só assim se explica o sucesso de Delgado e da sua retórica, apesar de Américo Thomaz ser eleito, em 8 de Junho. Mas as sombras caíram sobre o regime.</p> <p>1961 será, efectivamente, o "ano decisivo" para Salazar e para o regime: começa como o sequestro do <b>Santa Maria</b>, por um grupo de opositoristas portugueses e espanhóis, chefiados por Henrique Galvão, outrora um homem da confiança de Salazar mas que passara para a oposição.</p> <p>Em 4 de Fevereiro, em Luanda, grupos armados do MPLA atacam várias instituições e esquadras de Polícia em Luanda, criando um clima de medo e instabilidade na cidade.</p> <p>Mas é a 15 de Março que o grande ataque se abate sobre o Norte de Angola; milhares de seguidores da UPA de Holden Roberto, atacam fazendas de café e povoações, assassinam milhares de pessoas.</p>
--	--

21	<p>OFF (todo o § 21)</p> <p>Golpe Botelho Moniz</p>	<p><b>DEFENSOR:</b></p> <p>O outro ataque forte ao regime ocorreu em 1961, com a conspiração dos Generais. Desta vez tratava-se de algo que poderia ser muito mais sério pois envolvia os altos comandos militares do governo - o Ministro da Defesa, Botelho Moniz, do Exército, Almeida Fernandes e das Forças Armadas, com o CEMGFA General Beleza Ferraz, com parte das chefias militares. Foi um "golpe de Estado" palaciano, de país de brandos costumes. Os chefes militares descontentes falaram com o Presidente da República, pedindo-lhe a demissão de Salazar. Com a guerra a começar em Angola, em Fevereiro-Março desse ano de 61, queriam negociar a independência eventualmente a troco do apoio económico norte-americano. Tinham ou não ligações com o exterior? De qualquer modo actuaram de forma pouco subtil, ou porque sobrevalorizaram os apoios ou porque menosprezaram o adversário.</p> <p>Durante a crise Salazar actuou como se o caso não fosse com ele. Avisado por Thomaz, não pareceu surpreendido nem incomodado. O núcleo que organiza a resistência ao golpe, desde logo contando com o próprio Presidente da República, actuou quase à sua revelia. Os conspiradores fizeram alguns dos erros canónicos dos golpes de Estado mal concebidos e pior executados: fecharam-se em núcleo sem irradiarem; demoraram muito tempo entre a ameaça e a execução; não avaliaram o dispositivo contrário, nem sequer o "legalismo" das Forças Armadas. Por isso a Salazar bastou demitir as cúpulas para, <i>ipso facto</i>, acabar com a conspiração. Fê-lo, pouco antes de eles objectivarem a ameaça; e, também com brandos</p>



	OFF	<p>Com a Guerra na Indochina francesa, e a derrota militar e política de Dien-Bien-Phu, a humilhação provocada pelos Estados Unidos aos seus aliados ingleses e franceses obrigando-os a evacuar o Canal do Suez, as nações europeias mostraram que já não mandavam no mundo: forças irregulares locais, com conhecimento do terreno, superioridade numérica e sobretudo do que anteriormente fora uma desvantagem – o seu primitivismo de vida e costumes e a correspondente abnegação, austeridade e disciplina – tinham com apoio dos comunistas chineses e russos, quebrado a resistência da melhor infantaria da Europa. No Suez em 1956, os Estados Unidos assumiam-se já não como aliados da velha Europa: ou seriam neutros, ou funcionariam para pressionar e fazer voltar para trás aqueles que eram os seus aliados na NATO.</p> <p>A resposta europeia à situação levou em conta esta problemática e as suas consequências: não era mais possível guardar a “soberania” ou o “domínio” político-administrativo "imperial" nas áreas de colonização; a isso se opunha o novo “Direito Internacional”, a ética igualitária das nações, povos e a própria realidade das relações entre os blocos político-ideológicos.</p> <p>Portugal tinha uma situação muito diversa e uma concepção do Império ou das terras de Descoberta e Conquista, que sempre tinham sido vistas como terras da Coroa Portuguesa. A partir do século XIX, estas “terras da Coroa” tinham sido assimiladas ao “território nacional” e transformadas, no Constitucionalismo e na I República, em áreas de importância vital, em termos políticos e económicos.</p>
	OFF	
	OFF	

	<p>VIVO</p> <p><b>LOCAL: Forte Santo António (Estoril)</b></p>	<p>O Estado Novo exaltou, desenvolveu e inculcou nas novas gerações, os ideais e mitos da expansão colonial, do Império e do Ultramar, como “essência da Nação”.</p> <p>Para Salazar, “dada a secundarização da Inglaterra no mundo” um “entendimento” ou “aliança” permanentes com os Estados Unidos serão necessários para a defesa dos “interesses portugueses”, devendo pensar-se o problema em termos da “modificação” ou extensão” necessária da nossa política externa; mas quer saber que <i>“posição tenham (os EUA) quanto à unidade ou dualidade peninsular”</i> e se sentirão (os EUA) <i>“o caso da independência portuguesa como nós e a Inglaterra, por diferentes motivos aliás, o sentimos”</i>. Tudo isto, concluía – <i>“leva-nos a pôr em primeiro lugar a defesa e existência portuguesa do nosso Ultramar, e acima de tudo do Ultramar africano, como a própria razão de ser da independência nacional, sendo tudo o mais secundário em face dessa necessidade”</i>.</p> <p>Para justificar, os apoios dos sectores amigos e a abstenção de alguns críticos, nos países democráticos da NATO, o discurso oficial português – voltado para fora – tinha que se articular em várias e diferenciadas escalas:</p> <p>Tinha que insistir nos temas “civilizacionais”, como a defesa da Cristandade e do Ocidente identificada com os interesses da Euro-América, o modelo de sociedade e a solidariedade da NATO; Portugal, com o esforço e sacrifício dos seus soldados, defendia “as fronteiras do Ocidente”.</p> <p>A posição dos Estados Unidos, a partir de 1963 é, aliás, de apoio discreto, mas substancial em relação à posição portuguesa, procedem assim também os “grandes”</p>
	OFF	
	OFF	

OFF		<p>européus da NATO – França, Grã-Bretanha e RFA. A ideia de que Portugal está a dar boa conta da guerra, que tem capacidade financeira, económica, militar e demográfica para a aguentar por muito tempo e a vontade política de o fazer são argumentos e elementos decisivos. Como a influência e ideologia comunistas dos movimentos de libertação obsta a que nos governos ocidentais haja apoios directos a tais organizações, e faz recear pelo destino desses territórios, na balança Leste-Oeste, se Portugal for forçado a abandoná-los, em termos do “Ocidente” a hostilidade será mais formal e verbal, que real.</p>
VIVO	<p><b>LOCAL: Forte Santo António (Estoril)</b></p>	<p>Para Salazar e para Franco Nogueira, o seu Ministro dos Negócios Estrangeiros, sem a soberania política sem o poder – a dos tambores, das bandeiras, dos exércitos, da Administração sobre o território – Portugal não poderia manter a “influência cultural e económica”, ou seja, sustentar o espírito e os interesses, nos espaços ultramarinos; que seriam rapidamente repartidos entre as potências ocidentais ou orientais, estando-nos vedada a solução "neo-colonialista" de franceses e ingleses. Sem o Ultramar não havia real independência nacional, pois tínhamos pela frente poderes muito maiores – a Espanha unificada, moderna e desenvolvida dos finais do franquismo – e uma Europa onde a Inglaterra tinha deixado de ser dominante.</p>
OFF		<p>Os elementos da UPA-FNLA vieram a ser dominados ao cabo de uma dura e sistemática campanha de reconquista e reocupação, realizada já com os reforços chegados da Metrópole. A guerra começaria mais tarde, na Guiné, em 1963 e em Moçambique em 1964.</p>

	OFF	<p>A opção “africana” do Portugal de Salazar em termos económicos, com criação de “um espaço económico português”, como alternativa ou complemento a outras soluções de alargamento e integrações, nomeadamente com a Europa Continental, recebe considerável apoio em largos sectores do regime e do empresariado, reforçando a tendência que, a partir dos anos 50, o Estado, através do I Plano de Fomento (1953-1958), vinha destinando para as infra-estruturas (pontes, caminhos de ferro, estradas, sector hidroeléctrico) enquanto os grupos empresariais realizavam a montagem de unidades de produção industrial. Também, a partir dos anos 50 crescera o número de Portugueses fixados em Angola e Moçambique.</p>
	OFF	<p>A questão da defesa política e militar do Império foi a última grande batalha de Salazar - do Portugal que governou. Na perspectiva puramente militar a situação, em Angola, recuperou-se e a partir daí houve um extraordinário período de desenvolvimento económico-social, que só pararia em 1974; também, em Moçambique, apesar de condições económicas e sociais mais difíceis, a luta armada da FRELIMO, foi contida a Norte do Zambeze. As Forças Armadas cumpriram aliás os seus objectivos defensivos e, quando veio o 25 de Abril de 1974, com excepção dos enclaves da Índia portuguesa, de Ajudá, Portugal mantinha o controle territorial de todo o Império.</p>
	OFF	<p>Em Setembro de 1968 Salazar sofreu um acidente vascular cerebral e ficou impossibilitado de exercer funções. O presidente da República, com relutância, e ouvidos vários especialistas, decide demiti-lo e nomear Marcelo Caetano em sua substituição. O regime duraria mais cinco anos e meio derrubado pelos militares, depois de uma tentativa</p>

		<p>fracassada de "evolução na continuidade".</p> <p>Morreu em 27 Julho de 1970 - depois de quase dois anos de uma longa doença com aspectos dramáticos, que deixou muitas dúvidas sobre o real conhecimento que teria do seu afastamento do poder. Dias depois, com pompa e circunstância, o "pobre filho de pobres", voltava às origens, à campa rasa da terra beirã.</p>
23	<p>VIVO (todo o § 23)</p> <p><b>Local; travelling de Santo António às Finanças ?</b></p>	<p><b>DEFENSOR:</b></p> <p>Só podemos entender a "grandeza e os "grandes homens" <b>historicamente</b>, isto é no tempo que viveram, face aos condicionalismos culturais e políticos, internos e externos, que encontraram.</p> <p>A personalidade, as convicções e a visão do mundo de Salazar formaram-se entre a Monarquia Constitucional agonizante e a Primeira República democrática, quando apenas votava 7% da população e o <b>Partido Democrático</b> manipulava as eleições e aterrorizava os adversários.</p> <p>A desordem, a instabilidade governamentais, a degradação das instituições e das infraestruturas públicas, o endividamento crónico, eram os sinais mais importantes do dia a dia de Portugal.</p> <p>Externamente, uma intervenção impopular e mal sucedida na guerra europeia, na Flandres não prestigiara o país, por bem intencionada e patriota que fosse. E Portugal era sinónimo de "república das bananas", de "mau pagador".</p> <p>Como patriota e como católico, Salazar viveu e conheceu a república democrática e partidária, como um regime</p>

	<p>negativo para a Nação.</p> <p>Esta crítica da democracia partidária era um sentimento comum na Europa dos anos 20, onde os regimes autoritários e totalitários ganhavam espaço, a partir da Revolução Soviética e da Marcha sobre Roma de Mussolini.</p> <p>A criação do Estado Novo estava assim, nos ventos da História da época, dos anos 20 e 30.</p> <p>A que se junta a crítica ao parlamentarismo liberal iniciada em Portugal por Oliveira Martins, continuador de Alexandre Herculano, nesta matéria.</p> <p>Salazar não era um democrata, não porque tivesse uma prevenção filosófica contra o voto, ou contra a intervenção popular no governo... Mas pensava que o que funcionava na Grã-Bretanha, tinha falhado em Portugal do Liberalismo monárquico à Primeira República. Que tal sistema era contrário ao interesse nacional.</p> <p>Mas tão pouco era um totalitário: o Estado Novo exerceu a censura prévia em relação aos jornais e procedeu a detenções preventivas, de opositores. Como fariam aliás, os governos provisórios e o COPCON, até 25 de Novembro de 1975. Entre 1936 e 1954, centenas de presos políticos, passaram pela Colónia Penal do Tarrafal, onde morreram cerca de trinta, quase todos de malária. Houve também um significativo número de intelectuais e artistas, que se fixaram no exterior, por incompatibilidade com o regime. No Ultramar, sobretudo até às reformas de 1961, verificavam-se situações graves de exploração, de brutalidade e até de supremacia racial, comuns às "situações coloniais". Não</p>
--	--

	<p>podemos nem devemos dar por inexistentes ou menos significativos estes factos. Isto hoje choca-nos e é compreensível que choque, ainda mais, aqueles cujos familiares ou amigos passaram por elas.</p> <p>Mas temos que contextualizar na época e no conjunto: estamos no período em que os comunistas na União Soviética prenderam e massacraram milhões de homens e mulheres em condições atrozes; em que em Espanha uma guerra civil matou meio milhão de espanhóis; em que muitos milhões de civis na Europa, foram as vítimas colaterais das razões de Estado das potências e das políticas europeias com a Guerra, a Oposição e a Resistência. E as descolonizações e guerras da Guerra Fria, as microtiránias nos novos Estados, prenderam, massacraram, expulsaram muitos milhões de criaturas, fora as que desapareceram consequência de catástrofes e fomes causadas pelo mau governo.</p> <p>Comparado com estes casos, e atendendo que a maioria das vítimas do Estado Novo, eram adeptos destes sistemas políticos - pode fazer-se um juízo mais justo.</p> <p>Um outro ponto difícil de explicar e justificar é a política ultramarina - sobretudo à vista do resultado histórico - depois dos anos de aguentar a todo o custo em grande sacrifício de vidas e de bens. As pressões diplomáticas nas Nações Unidas e as ofensivas armadas no Ultramar. Mas Salazar acreditava, coerentemente, que Portugal sem Ultramar, além de perder grande parte do seu peso geopolítico, corria o risco, num futuro de médio e longo prazo, de vir a ser absorvido na Península Ibérica, deixando de existir como Estado independente; e que essa</p>
--	---

debilitação de Estado punha em questão a sobrevivência da Nação. Por isso lutou, no seu tempo, como pôde e com todas as armas, para defender o que considerava o legado dos "Grandes Portugueses" que o tinham precedido. Aliás, hoje, e perante a evolução da situação em África, e das dificuldades de toda a ordem dos Estados africanos, compreende-se que o fenómeno da "Descolonização" teve um preço então "oculto", mas hoje visível para as populações, para as pessoas comuns.

Quanto ao regime que fundara, Salazar não tinha grandes ilusões sobre a sua duração uma vez ele desaparecido. Pessimista, resignava-se a não poder ter influência nem poder para além da morte. Como quanto à **Ponte sobre o Tejo**, "Ponte Salazar", teria tido um comentário, desenganado na ocasião da sua inauguração de que o seu nome não ficaria ali muito tempo. Previu e não proveu? Ou, simplesmente, sabia que, para além da sua morte, a sua "vontade", essa vontade que o "atara ao leme" do país, como nos versos de Pessoa, Bartolomeu Dias fora atado pela vontade de "El-Rei D. João II", já não contaria nada.

Não foi também, uma figura "simpática", cordial, de fácil trato, um "bom homem", "com bonomia", um companheiraço. Pelo contrário, era formal, às vezes de ironia mordaz, protocolar, de um formalismo que hoje nos parece obsoleto. Político activo foi também um pensador do problema do Estado em Portugal, com uma escrita elegante, clara, inspirada nos clássicos.

O seu valor, a sua missão, o seu fim único era Portugal, a nação portuguesa, como um ente histórico, uma comunidade no tempo e no espaço. Pessoas, História,

memórias, sonhos, projectos colectivos, do qual se considerava responsável e primeiro servidor. **E Portugal para ele, valia e justificava tudo, inclusive as consequências e custos de um regime autoritário e limitador das liberdades públicas que podia dar** também cobertura a nível de execução, aos abusos e absurdos do poder.

Mas nunca, com todo o poder que teve - e nem mesmo os mais encarniçados dos seus inimigos o acusaram de tal - usou esse poder para finalidades ou interesses próprios; para satisfazer vinganças ou caprichos pessoais; ainda menos de qualquer acto menos honesto em proveito próprio ou de amigos e familiares. Não há, até 1968, escândalos ligados à alta corrupção; o argumento da Censura, não vinga aqui, pois, depois do 25 de Abril eles teriam aparecido e bem que os procuraram.

E os tempos actuais, com as suas "Casas Pias" não encontram muito mais em falar que dos "**ballets rose**", como grande escândalo do salazarismo.

Nem tão pouco o "isolamento" faz grande sentido, até ao início da Guerra d'África. Da Rainha D. Isabel II ao Presidente Café Filho do Brasil, passando pelo Presidente Eisenhower, os primeiros ministros e ministros europeus, o Presidente Sukarno da Indonésia ao Negus da Etiópia, as visitas de Estado sucederam-se. Além disso, nesse tempo, em todo o mundo, o corropio de visitas de Estado, hoje banalizadas, não existia. As visitas eram, quando havia substância, interesse e sentido de Estado.

Assim Salazar foi um grande homem e um grande

		<p>Português, que, a partir de certo momento não quis, para bem ou para mal, mudar. A sua divisa podia ser o <b>Je maintiendrai</b> de <b>Guilherme o Taciturno</b>. Eu guardarei, eu mantereí, eu defenderei, enquanto for vivo e puder. Depois...</p>